



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOÃO CARLOS D'ÁVILA PAIXÃO CORTES

2012

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-238

Entrevistado: João Carlos D'Ávila Paixão Cortes

Nascimento: 12/07/1927

Local da entrevista: Por telefone. Residência do entrevistado, Cidreira - RS.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 26/03/2012

Transcrição: Christiane Garcia Macedo

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 38 minutos e 27 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Lembranças da formação dos grupos: “Conjunto Folclórico Tropeiros da Tradição” e “Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos”; início das danças nos CTGs; intercambio entre os grupos; vida cultural de Porto Alegre; Comissão Estadual do Folclore do Rio Grande do Sul.

Cidreira, 26 de março de 2012. Entrevista com João Carlos D'Ávila Paixão Cortes a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade para a realização dessa entrevista. Iniciando pela inserção das danças CTGs¹.

J.C. – Foi no 35 CTG, as pesquisas que eu e o Barbosa Lessa fizemos. Nós pesquisávamos no interior como está escrito em diversos livros e iniciamos as danças. O “Origem da Semana Farroupilha: primórdios do Movimento Tradicionalista”² foi um dos livros que eu escrevi, tem os principais responsáveis. Onde eu conto a história do nascimento da Semana Farroupilha³. Antes dele escrevemos, o Lessa e eu, os livros: “Danças e Andanças”⁴ e o “Manual de Danças Gaúchas”⁵. Nós pesquisávamos no interior e depois pensamos em como ia ser divulgado, em quais grupos? Se não existia grupo nenhum, nem no 35⁶. Então em fundei este grupo que se chama “Conjunto Folclórico Tropeiros da Tradição” em 29 de junho de 1953, Dia de São Pedro. Este Conjunto começou a passar as danças às entidades, fazer espetáculos ao público em eventos, teatros, rádios. Este tempo não tinha televisão, então levava este Conjunto aos palcos dos programas de rádio que foi o início de todo este movimento, que depois começaram a surgir o 35 e as outras entidades, e parte do pessoal que dançava no 35 passaram também a dar assistência aos grupos do interior. Eu dei muitos cursos e ensinei a muitos grupos de dança. Este sistema se pesquisava constantemente. Isso não foi de uma hora para outra, ele levou dez, doze anos. Eu estou

¹ Centro de Tradições Gaúchas.

² Livro “Origem da Semana Farroupilha: primórdios do Movimento Tradicionalista”, escrito por João Carlos Paixão Côrtes, publicado em 1994

³ Semana Comemorativa no estado do Rio Grande do Sul, relembra a Guerra dos Farrapos contra o Império, de 20 de setembro de 1835 a 1845. Nesta semana são realizados vários eventos que reforçam a identidade gaúcha.

⁴ Livro “Danças e Andanças da Tradição Gaúcha”, escrito por João Carlos Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, publicado em 1975, pela Editora Garatuja.

⁵ Livro “Manual de Danças Gaúchas”, escrito por João Carlos Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, publicado em 1955, pela Irmãos Vitale S/A. Ind. e Com..

⁶ No Livro “Falando em Tradição & Folclore Gaúcho: excertos jornalísticos” (1981), Côrtes apresenta uma nota de jornal onde aparece o Conjunto Tropeiros da Tradição em performance. O grupo é reconhecido como primeiro grupo profissional no âmbito do Movimento Tradicionalista, que “criou coreografias inspiradas em danças do passado e estilizou muitos temas folclóricos para seus espetáculos artísticos”.

escrevendo um livro agora com setecentas páginas onde estou contando as pesquisas que eu fiz, muitas delas até agora desconhecidas.

C.M. – Como se deu essa divulgação?

J.C. – Do meu grupo, dos tropeiros saíram muitos rapazes para o interior dando assistência e explicando como se dançava a chula, como é que se dançava a Chacareira, balaio, pezinho e tantas outras danças que até então eram completamente desconhecidas. Porque também não existiam Centros de Tradições, e nem as Escolas de Educação Física, nem os Centros Culturais da UFRGS⁷, tinham conhecimento destes temas coreográficos. E por desconhecimento do professorado, do alunado, e das instituições educacionais e culturais coube ao 35, aos dançarinos do 35, como entidade e no meu tempo com o meu conjunto, tinham a missão de divulgar e promover diversas danças. E que hoje se faz em CTG, mas naquela época não existiam tantos CTGs. O 35 foi fundado em 1948, a partir daí é que começa a pesquisa, porque ninguém dançava nada.

C.M. – Em que ano mais ou menos se começa a ter grupos de dança do CTG?

J.C. – O primeiro grupo dentro do CTG foi formado por mim e pelo Lessa. Fazíamos lá o pezinho, balaio.

C.M. – E quando foi?

J.C. – Isso foi em 1949.

C.M. – Bem no começo.

J.C. – Sim, não existia isso. No ano de 1949 que levamos aos Centros de Tradições e à Comissão Estadual de Folclore, que não conhecia esse sistema até aquela altura, e nos incentivou. Em 1954 eu e meu conjunto fomos representando o folclore do Rio Grande do Sul no quarto centenário de São Paulo, que reuniu manifestações artísticas e culturais de todo o Brasil. Nesta ocasião então representamos o estado com canções, com gaúchos

montados a cavalo, prendas⁸, e tudo que era do nosso conhecimento nos levamos e apresentamos no Ibirapuera⁹.

C.M. – No início da década de 1960, o público recebia bem esta forma de ter danças folclóricas no palco?

J.C. – Primeiro lugar, temos que diferenciar o panorama atual do antigo. O meu conjunto e o CFI¹⁰ eram conjuntos profissionais. Vou repetir, *profissionais* [ênfase]. Nós fizemos da arte uma profissão. O que tu encontras frequentemente agora são manifestações de conjuntos de CTGs e que dançavam para divulgar, promover e para participar artisticamente, mas não tinham o caráter profissional. Nós encaramos a arte do folclore como profissão, e não somente como manifestação de reprodução. Nós tínhamos o cuidado de preservar e manter com a maior fidelidade as roupas, a identidade musical e coreográfica, o que o Conjunto Internacional se permitia o direito de estilizar e de fazer arranjos com toda a arte e toda a beleza que eles sabiam transmitir. Não havia choque, não havia pretensão maior, cada um preservou as suas características e sempre nos aplaudimos profundamente. Os CTGs é que não tinham estrutura cultural para entender, os elementos, as vezes, eram muito simples e não entendiam. O Conjunto Internacional sempre teve pessoas de elevado nível de conhecimentos literários, cultural e artístico o que permitia então fazer no palco os arranjos que eles realizaram. Sendo que a Nilva¹¹ foi a grande coreógrafa e a grande cabeça das apresentações do conjunto. Assim como as danças originais, que nunca ninguém tinha visto eram apresentadas pelos Tropeiros da Tradição com pesquisa original e direta minha.

C.M. – Sobre os CTGs, chegaram nos bailes algumas danças da Argentina e do Uruguai, como o tango, a chacarera? Este tipo de dança chegou no CTG?

J.C. – Sempre tem aqueles que querem novidade, os elementos particulares, para serem originais e se fazerem presente como capacitação cultural e artística. Então, usou-se destes

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸ Mulheres caracterizadas de gaúchas, geralmente com vestidos longos, de manga longa e rodados, cabelo presos com flor ou fita.

⁹ Parque da cidade de São Paulo.

¹⁰ Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”, grupo de dança da cidade de Porto Alegre.

conhecimentos as vezes não muito sérios, nem muito profundos para fazer apresentações que as vezes desfiguram, não só o folclore do Rio Grande do Sul, como também do Uruguai e da Argentina. Apareceram muitos conjuntos artísticos e eles vinham, olhavam e apresentavam. Como até hoje fazem, por exemplo, usando gaita na chacareira, isso não se dança com gaita, se dança com violão! Mas como a Gaita é gaúcha, eles acham que vale tudo. Vale para quem não conhece, para quem não está ciente da responsabilidade que tem, da arte de bem representar seu país, sua gente, sua raça.

C.M. – Sobre a Comissão Estadual de Folclore, o senhor chegou a participar no início?

J.C. – Eu faço parte da Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul e participei junto com Barbosa Lessa desde o início. Quando o Conjunto Folclórico “Tropeiros da Tradição” nasceu não existia a comissão ainda. Foi no mesmo ano que nós começamos a divulgar ineditamente as danças é que nasceu, da Comissão Nacional de Folclore, a Comissão Regional Gaúcha, a frente da qual esteve o senhor Dante de Laytano. Eu no decorrer do tempo tive o prazer de ser convidado para integrar a Comissão Estadual de Folclore. E realizei pesquisas junto com eles, promoções e eventos. Ela teve uma grande importância, a primeira apresentação artística da dança do pezinho e do xote, foi da Comissão Estadual de Folclore na quarta Semana de Folclore de Porto Alegre, organizada pela comissão estadual. Foram vários eventos: tiro de laço, ginetiada, marcação, castração. Tudo isso meu conjunto participou. E a noite o 35 apresentou o pezinho, o Terol e a Meia-canha. Foram as primeiras três danças que o 35 apresentou. A partir daí é que começou a se difundir. Hoje os CTGs, não tem nem conhecimento da diversidade destas danças. Eu recolhi mais de cem danças, mas eles não estão interessados em conhecer o repertório. Eles querem modificar, para serem originais, para ter a satisfação pessoal do ego. Deturpam os temas originais. Isso é frequente. Eu já editei e publiquei muitos livros, distribuí gratuitamente 350 mil publicações em escolas, bibliotecas públicas, Centros de Tradições. São 25 publicações contendo as pesquisas, coreografias, partituras musicais e eu doava, através de um evento, uma palestra para dar explicações e não apenas deixar os livros.

C.M. – Gostaria que o senhor falasse mais sobre o “Tropeiros da Tradição”?

¹¹ Nilva Therezinha Dutra Pinto.

J.C. – O primeiro grupo foram os “Tropeiros da Tradição” em 1953. Eles começaram fazendo dança. Era um grupo que dançava as danças que eu pesquisava, eu dirigia e montei este conjunto. Fizemos inúmeros espetáculos não só em Porto Alegre, como também no interior, em São Paulo e no Ceará. Eu fazia apresentações com um grupo de mais ou menos 22 figuras, entre dançarinos, músicos e cinegrafistas. Este primeiro conjunto que deu vazão para o nascedouro de todas as outras manifestações e que representou o Rio Grande do Sul no quarto centenário de São Paulo em 1954. Foi a convite da Comissão Estadual do Folclore, dirigida pelo Professor Dante de Laytano. Depois surgiu o Conjunto de Folclore Internacional, da Nilva. Ela dançou comigo nos “Tropeiros”. Era um insipiente movimento que estava nascendo, no qual participaram ela, a irmã dela¹², o Karam¹³ e eu, formávamos dois pares. Fazíamos apresentações frequentemente em núcleos reservados. E daí começa o movimento de formação das danças que hoje estão sendo apresentados e naquele tempo eram originais, a partir das pesquisas realizadas.

C.M. – Sobre o Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”¹⁴ o que lembra sobre sua formação?

J.C. – A Nilva, foi uma das fundadoras do conjunto e é uma excelente professora e ela é responsável por grande parte do êxito das manifestações folclóricas do Anchieta¹⁵. “Os Gaúchos” é o segundo conjunto folclórico do Rio Grande do Sul.

C.M. – Teve alguma época que os dançarinos do CFI “Os Gaúchos” dançaram no Conjunto Tropeiros da Tradição?

J.C. – Não. A Nilva, a Nilza e o Karam foram fundadores do CFI porque eles não se limitavam somente às danças do Folclore Riograndense. A Nilva como estudiosa e capacitada bailarina de primeira, pegou os temas do Uruguai e da Argentina e incluiu no programa deles. Por isso o nome Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”, era internacional. Os Tropeiros da Tradição atuavam dentro da seleção de temas pesquisados por mim e pelo Lessa do folclore do Rio Grande do Sul, mas não adotamos temas do

¹² Nilza Dutra Pinto.

¹³ Jorge Karam.

¹⁴ Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos” (CFI)

¹⁵ Colégio Anchieta.

folclore internacional. Só apresentamos ineditamente temas que foram tirados das fitas e gravações, ensaiados e apresentávamos nos palcos de espetáculos daquela época: Teatro São Pedro, na Universidade, nos grandes eventos que se realizavam nos íamos apresentar só com roupas típicas do Rio Grande do Sul e com temas exclusivamente do Rio Grande do Sul. O Conjunto internacional já tinha uma diversificação e foram aumentando seu repertório.

C.M. – O Conjunto do senhor chegou a ajudar o CFI na parte de danças gaúchas?

J.C. – Acontece o seguinte, nós estávamos incipientes, alguns rapazes que dançavam com a Nilva também acabaram dançando comigo. Então o intercambio entre nós era constante, e não havia disputa entre o melhor e o pior, existia um Conjunto de Folclore Internacional e o Conjunto Tropeiros da Tradição que eram danças originais do Rio Grande do Sul. Sempre nos demos muito bem, eu tenho uma gratidão muito grande, principalmente à Nilva. Eles completaram recentemente cinquenta anos, eu mandei minha mensagem, porque eles desempenharam um papel muito importante, não só atuando no Rio Grande do Sul, na América, Uruguai e Argentina, e em outros estados Brasileiros, eles tem muita qualidade artísticas e apresentavam formas estilizadas o que meu conjunto não apresentava, eu me ative à fidelidade dos temas pesquisados. O Conjunto Internacional fazia estampas, como a Nilva já deve ter te explicado, enriquecida com repertório de roupas, instrumentos, cantigas. Então por isso, ele era também muito solicitado e apresentava frequentemente grandes espetáculos educacionais, culturais e artísticos, eventos, promoções, como o meu também. Mas sempre guardamos o maior respeito e admiração recíproca.

C.M. – O Senhor tem mais alguma coisa para acrescentar?

J.C. – Você é ligada a Educação Física não é?

C.M. – Sim.

J.C. – Eu dei aula aí na Faculdade para as alunas, quando a escola era no antigo campo do Cruzeiro, e ninguém conhecia as danças. Ficou para a escola uma cartilha, com as danças e

explicações. Eu fui muitas vezes lá gratuitamente, não cobrei nada, para divulgar entre os educadores e professores os temas que eu tinha pesquisado, para que eles pudessem utilizar. Eu não sou professor, eu sou simplesmente um dançador das coisas do Rio Grande do Sul. Eu passei apenas o que eu vi, o que eu pesquisava. Porque o sapateio, eu não aprendi em escola especial, eu aprendi da escola da vida, dos dançarinos, cantadores, das senhoras. Eu hoje estou ensinando as danças inéditas, que eu pesquisei e aprendi. É isso que eu posso fazer. O que eu tenho obrigação é que seja fiel, e que as pessoas possam reproduzir com fidelidade, porque aqueles que me ensinaram, o fizeram com amor, com carinho, com respeito e com dignidade. E é isso que eu transmito nos meus espetáculos, nas minhas cantorias e nas gravações que fiz inéditas.

C.M. – Agora aqui na Faculdade, tanto no curso de Dança quanto no curso de Educação Física tem uma disciplina de Danças Tradicionais Gaúchas.

J.C. – Eu sempre achei que a Educação Física que tem didática de ensino, que tem forma de arte e comunicação do exercício, que a dança não significa só ritmo e melodia, significa exercício, inspiração, abdômen, postura, equilíbrio. Estas coisas pertencem à Educação Física, e uma forma de expressão e arte através do folclore que é a vida do povo. Se a Educação Física não aproveita é uma pena. Lastimavelmente o Movimento Tradicionalista tem deturpado estas manifestações, feito da arte coreográfica e musical, um espetáculo circense. Até desfigurando o figurino. A roupa não dança quem dança é o homem, mas a roupa identifica. Se você não está adequadamente vestido você pode parecer, mas não é e a pessoa precisa ser. Isso é consciência de origem, de identidade, de terra, de herança.

C.M. – Agradeço o depoimento.

[FINAL DA ENTREVISTA]